

MARTIN GUIA

AS PEDRAS DO VAU

prefácio
José Fanha

Poemas ditos por:

Carmen Filomena, Daniel Ribeiro, Ellys Almeida, Eunice Santos,
Francisco Queiroz, Hermínia Tojal, José Fanha e Mário Máximo

martin guia

**AS PEDRAS
DO VAU**

Ficha Técnica:

Título original: *As Pedras do Vau*

Autor: Martin Guia

1ª Edição: Novembro 2007

Depósito Legal: 267891/07

ISBN: 978-989-20-0959-9

Composição, paginação, impressão e acabamento:

Sogapal, Sa.

Edição: Diário de Bordo, Lda.

Rua Pedro Alvares Cabral, 24-6º A

Infantado

2670-391 LOURES

Telef. 219 833 051

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Sem autorização expressa do editor não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica

ÍNDICE

Subindo, subindo, vão os caminheiros
Cadeia de União
Trigo
Dia bonito
Luz
Temporalidades
Verdades feitas
Elas em 2006
Fazer falta
Presente de Natal
Árvore verde acastanhada
Paredes de vidro
Soldado desconhecido
Destruição total
Ajoelham, rezam
Sabor a infância
Se ainda não entendeste
Roca sem linho e sem uso
Flauta Mágica
Fundamentalistas
Sou o que não se vê
Olhei para ti e vi
Justiça
Sangue
Cor
Herdei do pôr-do-sol a tristeza do meu dia
Mãos
Atocha
Não há coisa mais bonita
Partida
O tempo passava
Os pés afastados
Porque de ti todo sou
Friends
Quando o coração não está
Não me importo de esperar

Homenagem
Reflexos de luz
Uma cabrinha maltesa
Cicatriz
Não cantarei a saudade
Obrigado
Minha mãe
Abraçados na noite do tempo
O amor é do foro do coração
A mais linda prova de amor
Espichel
Espiral da vida
Gostos secretos
Esquecer
Gosto de olhar para ti de uma certa distância
Não queiras a casa alagada
Era uma vez uma hera
Conhecemo-nos
Céu cinzento
Sou material de sol posto
Embrulhada em noite
Balouço
Triz
Viagem ao Senhor da guerra
Iniciação (feminina)
Consciência
Vivo já a saudade
Amarraram-nos à maré (Globalização)
A bela montou na sela
Paz
Rosa branca
Ao meu Chefe do mar
Hermenêutica (Erudição)
Dogma
Massificado
Sou dono da televisão e faço de ti um ladrão
Água fresca da ribeira
Imigração
Formigas laboriosas

Portugal e Espanha
A lenda da cabrinha Joana
Marinheiros sem marinha
Mar
Preferências
Gosto de gostar de ti
D. Quixote
Humanismo
Auxiliar de Acção Educativa
Se com o que escrevi ...
Buganvílias sem cheiro
Ternura de filha
Cemitério
Últimos baluartes nacionais
Dei-te os meus olhos para veres
É a chuva
Era tempo de voares
A Economia é um balão
Poeta do Portugal de hoje
Segredo
Borboleta
Maldade
Mais tempo estou eu contigo
Socorro, socorro
Tarde de amor
Tômbola da verdade
Jardim com o oceano ao lado
Pombos e ratos
Contradições aparentes
Quando o tempo sentiu frio
Folha de papel em branco
Nascida no Beringel
Golfinho
Não sei mais o que fazer
Afinal já sei quem foi
Matizes de sol fundidos em prata
Tudo o que Deus não quis
Rio d'Ouro
Maldito mar dourado

No dia da Distribuição
Última tentativa
Eu sou o mar
Futurologia
Realidade e sonho
Poderia ficar sem ninguém
Somos bruma
Amar profundamente
Hoje decidi que vou rir
Senhora Nossa
Antevi a entrega
Sapato de Natal
Não há jogos de sorte
Este ano decidi aconchegar-me no Natal
Quando eu morrer
Magia, ou arte

Poesias de Poetas amigos do Autor

Anda daí, vem dormir

Desencontro

Revelação pagã

A velha traineira

Clareira

Mar grande

A Pedro e Inês

Voo

A minha Alma ao Vento

Era uma vez

Mar e mato

Quilómetros e quilómetros

Oração de Natal

Prefácio

“COMO EXISTIA UM MISTÉRIO, EU VOLTAVA A SER UM HOMEM”

“Como existia um mistério, eu voltava a ser um homem, e não um homem qualquer, mas um ser atraído para o inexplicável pelo fio maravilhoso da fantasia.”

Estas palavras pertencem ao diário de António Castán, condenado e preso sem culpa no romance excepcional intitulado “A prisão” do colombiano Jesús Zarate.

De alguma forma também todos nós estamos “encarcerados” num mundo formatado, liofilizado, globalizado, sem encanto nem maravilha, sem mistério nem poesia.

No entanto, a matéria de que se faz a poesia anda por aí à nossa volta. E o mistério também. Alguns de nós, mais atentos aos sinais que o mundo nos envia, tentamos usar a palavra poética porque é por ela que se caminha em direção a todos os mistérios.

Foi através da palavra que o Homem nos seus primórdios começou a relacionar-se com a noite e o dia, a terra e o céu, a pedra e o mistério.

E voltamos à bela frase de Antón Castán: “Como existia um mistério, eu voltava a ser um homem.”

Por vezes uma frase pode iluminar mais do que um livro inteiro. Somos homens graças ao mistério e graças ao mistério da poesia. Cada poeta, cada poema, é uma pedra indispensável na construção da grande casa da humanidade.

É nessa construção que Martin Guia coloca, pedra a pedra, os seus versos, os seus poemas, o seu vasto olhar de poeta que canta o amor, que se enternece com as coisas pequenas e belas da vida, que se revolta com a injustiça e o terror, que se enrola nos afectos, que solta o sarcasmo sobre os ridículos do mundo e que segue, também, talvez principalmente, pelos caminhos do mistério.

“Sou o que não se vê”, afirma o poeta. E muitos de nós nos reconhecemos nesta simples frase porque todos somos mais do que se vê. É claro que alguns se ficam

só pela pobre imagem do espelho, pela pobreza da circunstância. Mas outros, para lá das aparências, procuram a verdadeira essência da vida.

**“... somos pedras meio polidas
ainda mal aferidas pelo esquadro da Divindade!”**

Desta sentida incompletude dá conta Martin Guia sabendo que é também no seu ofício de poeta que se vai polindo a pedra que é o homem.

Na sua poesia, este homem, fala-nos também das memórias da infância, dos afectos e das emoções, com aquela simplicidade e clareza que só é possível quando a maturidade nos vem lavar os olhos das pompas palavrosas e é possível dizer que:

**“... deixei de ser eu
e fui luz e só luz”**

A luz do poeta aí está, atravessando o vau com a ajuda preciosa das palavras e da sua música, com que vai polindo a pedra e habituando a luz.

José Fanha

Outubro 2007

**Às árvores onde me ancore,
Pedro, Irene, Margarida e Luísa**

Coisa terrível, o hábito,
esse ser invisível que nos veste.

Martin Guia

Subindo, subindo, vão os caminheiros

Num lado ciprestes, no outro pinheiros,
subindo, subindo, vão os caminheiros,

subindo, subindo, vão os caminheiros,
num lado o destino, no outro só cheiros ...,

rochedos, rochedos,
uma ilha de neve no mar dos penedos,

penedos, penedos,
um mar de neve a banhar os rochedos,

subindo, subindo, vão os caminheiros,
pintadas de branco as copas dos pinheiros!

Antes do abismo a capela do santo ...,

a moça casadoura,
a mãe lavada em pranto,

o carro do doente,
o sonho do indigente,

o boi da lavoura
que quer ser de Natal,

o amor que ainda é,
o amor que já deu,

... tu e eu ..., ... todos afinal ...,

... subindo, subindo ...,

num lado ciprestes, no outro pinheiros,

num lado o destino, no outro só cheiros!

Cadeia de União

Minha irmã, meu irmão,

reconhece-me como elo da Cadeia de União
que passa pelos pólos, por Ti e pelo equador,

a cadeia daqueles que no seu dia a dia
partilham a tua dor e a tua alegria

e em que em todos nós,

elas, eles, pretos, brancos,
amarelos, encarnados,
sozinhos, ou irmanados

deitámos fora a palavra vós

para cada um ser a voz

de todos nós!

Trigo

Se tu és o trigo
eu sou a pragana,

quero estar contigo

quando a seara abana!

Dia bonito

Que dia bonito
o dia que vejo nascer

só porque o vejo nascer ...,

que noite bonita
a noite que vejo nascer

só porque a vejo nascer ...,

que coisa bonita
o amor que vejo nascer

só porque é amor a nascer ...,

que coisa bonita
o amor que passaste a ter

só porque sou teu

e me passaste a ter!

Luz

Quanto mais a luz brilhava
mais a vela crescia,

quanto mais ardia
mais a vela crescia
e mais luz havia

e foi crescendo, crescendo,

enchendo-me a alma
com a luz serena
que suave me acalma ...

... quanto mais ardia
mais a vela crescia
e mais a luz me enchia!

Ardeu e ardeu,
cresceu e cresceu,
encheu-me e encheu,

deixei de ser eu
e fui luz e só luz

que ardeu e ardeu,
cresceu e cresceu

e hoje é em ti,

a quem todo me dou,

que resplandeço e sou!

Temporalidades

Muitas vezes parece

que o tempo cristaliza,
a hora não chega

e o minuto
demorou,

mas a dura verdade

é que o segundo de agora

já foi e passou!

Fazer falta

Até hoje,
primeira vez em que te vi,

não tinha percebido

que me farias falta

mesmo

se não te tivesse

conhecido!

Presente de Natal

**Triste e cansado
ao ver-te ... alegro-me, sorrio**

e sinto-me um rio de suave fluir ...

... o meu presente de Natal

é a promessa

de que será assim

até Partir!

Árvore verde acastanhada

Vi uma árvore direita verde acastanhada,
frondosa, vaidosa, repleta de ramagem ...
... mas sem pássaros!

Ao seu lado, qual rainha dos Lázaros,
outra raquítica, desfolhada, mal tratada

que no seu abanar

embalava três passarinhos
num lindo ninho ...

Na escolha das árvores,
dos caminhos e das viagens

eu sou como o pássaro,

prefiro o amor de Lázaro

às ramagens de alívio

repletas de aridez!

Paredes de vidro

Mesmo que queira sair das minhas paredes de vidro,
não consigo!

Começaram por serem um castigo, mas já me habituei!

Eu sei que elas estão cada vez mais juntas,
no entanto,

levo agora mais tempo a percorrer a distância
que separa uma antepara da outra antepara;

a casa tem menos gente, os que estavam saíram,
o espaço que deixaram transformou-se no tédio
de uma desolação que já não tem remédio;

nunca gostei muito de mexer,
mas remexo no pó da recordação para não morrer;

a porta do carro parece que encolheu ao sair e entrar
e o *capot* aumentou dando menos tempo para travar;

os filhos ficaram mais distantes e os netos mais irritantes;

o dia é mais longo, a noite imensa,
mas os dias, cheios de nada, voam em desfilada;

todos os que me cercam perderam a razão
e sou só eu que conheço a solução;

os sons diminuíram de intensidade
e, calado, só entendo a minha verdade;

os caminhos alongam-se nas dores dos joelhos,
dos artelhos e do resto;

no mesmo cesto: o amor e o entusiasmo
que irremediavelmente se foram ... a cãibra e o espasmo!

Cheio de rugas, quase sem cabelo,
alimento ainda um último pesadelo:

o de nunca morrer

por sentir ainda tanto a ânsia de viver!

Soldado desconhecido

Sou o soldado desconhecido,
um desaparecido.

Foi uma granada.

Uns Senhores põem-me flores
por tudo e por nada.

Para os Donos da Terra
sou o herói da guerra
que se venera,

tenho guarda de honra,
uma fila que espera,
fama ...,

até uma chama

que nunca se apaga
para que a morte viva
e a guerra sobreviva,

mas

**eu, o herói perdido, daria tudo aquilo que sou
para que os meus pais soubessem onde estou!**

Destruição total

Destruição total ...

a ameaça que quer fazer do equilíbrio beligerante
o garante da manutenção da paz,

mas eu julgo que o Homem é capaz
de atingir a paz inteira

se junto ao seu pombal

fizer crescer uma oliveira!

Ajoelham, rezam

Ajoelham, rezam
e dizem que tudo dão
para irem parar ao Céu ...

mas se lhes dissermos
que quase já lá estão,

gritam *Ai Jesus*

e fogem dele

como o Diabo da cruz!

Sabor a infância

De súbito
veio-me à boca o sabor
dessa minha infância tão feliz,

senti-me petiz,
quis fazer traquinices,

lembrei-me das gulodices,
da hora de castigo e da palmada,

recordei a vida que levava ...,
... a vida airada ...

... e o maior perigo,
ser apanhado a cabular;

lembrei-me do carrossel
que girava sem parar,
das tómbolas, das rifas,
das bolachas, do boião do mel,

do recreio, do receio à nota má,
do primeiro beijo, do primeiro amor,
do primeiro abraço,

do laço no dia da primeira comunhão
com fato à marujo e calças de alçapão,

... foi isso ...

de súbito veio-me à boca o sabor
dessa minha infância tão feliz e senti-me petiz ...

... tudo só porque te vi

e depois te despi!

Se ainda não entendeste

Se ainda não entendeste
que moras no meu coração
desde o dia em que te vi,

triste sina a minha, então,

não moro dentro de ti!

Roca sem linho e sem uso

Roca sem linho e sem uso,
rosca do meu parafuso
fia o fio da minha teia,

praia nua sem areia,
tinta sem ter secante,
viagem sem viajante,
tacho repleto de nada,
parede bem esburacada,

amanhãs sem carinhos,
mar de cactos e espinhos,
fogo bem apagado
por ter sido ateado,
fósforo nu sem cabeça,
haja quem tal impeça,

último e não primeiro,
excepto no azedume,

que venha depressa um bombeiro

para espevitar o meu lume!

Flauta Mágica

Magia é a da Flauta que do ar faz Sinfonia.

Meu Irmão escuta essa Flauta que trabalha a pedra bruta
e que encerra todo inteiro este aprendiz de feiticeiro.

No soar dessa magia vive comigo as mil festas que me alisam arestas,
suave é a caminhada quando a minha vida vai só, mas por ti acompanhada!

Sinfonia de magia, minha Flauta, meu exemplo,
alisam-me os Irmãos do Templo em preces à Humildade,
meu Irmão companheiro, somos pedras meio polidas
ainda mal aferidas pelo esquadro da Divindade!

Flauta da minha magia, alegre bem o meu dia
para que eu o possa dar a quem dele precisar

e a ti, Irmão mestre, que elevas o amar a Arte
dou-te aqui a minha mão,

dou-te a Flauta ...

... e dou-te Mozart!

Fundamentalistas

Fundamentalistas.

Definição:

Animais da Família Zoológica dos Ismos,
Sub-Ramo dos Cataclismos, Secção dos Filhos da Puta.

São animais predadores que matam por malvadez
(a que chamam convicção)
e que rastejam desde o início da incubação.

Saem das cascas com avidez
caudas a abanar,

berram, gritam e constituem-se
em pequenas ilhas, ou matilhas
com o fito premeditado de matar.

É espécie que não está em vias de extinção
e que não sabe o que é a paz ..., só conhece a luta,
razão pela qual foi incluída na Secção dos Filhos da Puta.

A característica comum a cada Ramo e Secção
é a de substituírem a palavra Fé pelo substantivo Fatal,

alimentam-se

de antenas de televisão

e de papel de jornal!

Sou o que não se vê

Sou o que não se vê,
mas há

do que há,
mas não existe,

a recordação eterna

de ti, amor, que já partiste!

Olhei para ti e vi

Olhei para ti e vi
em cada canto um recanto
e em cada recanto um encanto,

provei de cada recanto
até que cheguei ao canto
em que teu encanto cantei

e só tu sabes e eu sei

no encanto dos meus cantos

quais os recantos que amei!

Justiça

Se a justiça está dentro de nós
desde o nascer ...

... a injustiça acompanha-nos
até morrer!

Sangue

Quero

ser o sangue
que alenta a tua vida
e percorre as tuas veias,

existir porque tens um coração
e viveres tu porque me tens,

alimentar-te o frio, o calor e a sensação
para confundido no teu corpo
ser eu mesmo a profusão ...

pulsar ..., pulsar ..., pulsar ...
... e circular por tudo o que em ti é lugar

criando, por muito nos amarmos,
o sangue do filho que pariste
e que engendrámos

para nesse sangue os dois renascermos ...

... quando morrermos!

Cor

Cego desde o nascer
para aliviar minhas dores
deu-me Deus o poder
de criar as minha cores ...

... quero que saibas, meu amor,

que bem dentro de mim

o tom da tua cor

é a do cheiro do alecrim!

Herdei do pôr-do-sol a tristeza do meu dia

Herdei do pôr-do-sol a tristeza do meu dia
e é com essa tristeza que construo a minha noite,

mas antes que muito ela se afoite
encomendo a madrugada

para deitar fora a tristeza
quando beijo a alvorada!

Mãos

Só descobri que tinha mãos

quando deixei de fumar!

Atocha

*El Pozo, Santa Eugenia, ATOCHA, Téllez,
Madrid dois mil e quatro, Março onze,
a las siete y media de la mañana ...,*

Tantos, tantos mortos!

*Paseo de Gracias,
Barcelona, dois mil e quatro, Março doze,
a las siete de la tarde,*

concentração ..., comigo somos
quinhentos mil mais um milhão ...

... ouvindo:

*silencio por favor ...,
esta es una manifestación unitaria,
por favor silencio ..., silencio por favor!*

Quanto mais silêncio se rogava
mais o Povo gritava:

*asesinos, asesinos, asesinos,
asesinos, asesinos, asesinos ...*

e porque de assassinos se tratava
nesse estrondoso silêncio
mais o Povo gritava:

*hijos de puta, hijos de puta,
hijos de puta, hijos de puta ...*

porque de filhos de puta se tratava!

Também alguns tímidos (para alguns ex-temidos):

*el povo unido jamas sera vencido,
el povo unido jamas sera vencido.*

A eterna pretensão do eterno vencido!

*No al terrorismo, no al terrorismo,
paz si, guerra no, paz si, guerra no,
no al terrorismo, no al terrorismo,
paz si, guerra no, paz si, guerra no,*

como se
no abismo deste mundo de massa divisível
a paz total fosse possível ...

Novos, velhos, ricos, pobres,
políticos, padres, freiras,
guardas civis, estadistas,
paralíticos, juristas, rameiras,
licenciados, jubilados,
bem fadados, mal fadados ...,

... todos ...

mãos abertas a acenar, braços levantados,
... tais pombas de paz ...

num estertor de revolta
a chorar um *isto não se faz*,

seus filhos da puta ... isto não se faz!

Todos unidos, mas já todos desunidos,

na triste graça
de só na desgraça nos aliarmos ...

... enquanto dela nos lembrarmos!

E é por estas e por outras que temos na Terra

a merda da guerra,

a puta da luta

e os filhos da puta dos filhos da puta!

Não há coisa mais bonita

Não há coisa mais bonita

do que uma mulher bonita,

ou mesmo feia!

Partida

Pára

chuva melancólica
do fim de tarde de Setembro
que anuncias o meu Dezembro!

Entristeces-me ...,

... quero que acabes ...,
... que acabes já ...,

... não quero cinzentos
nem lamentos,

não quero metades
nem meias verdades ...,

... tão pouco a virtude ...,

... quero gozar a plenitude do azul
de um céu que seja meu ...

... até que Deus me ache,

o raio me rache

e que, com o troar do trovão,

desapareça no meio do furacão!

O tempo passava

... e o tempo ia,
o tempo passava
e quanto mais te despias
mais vestida estavas!

Só quando sentiste
o verdadeiro amor

é que, avidamente,

despiste o pudor!

Os pés afastados

Os pés afastados,
as coxas em cunha,
joelhos levantados,

a emoção desperta,
a boca entreaberta,

os olhos sem ver,
o corpo a tremer,

a cheia que vem ...

... e foi assim,

no início e no fim,

que tu foste mãe!

Porque de ti todo sou

Porque de ti todo sou
tudo isto eu te dou!

Um portão, um estradão feito de terra,
todo o amor que o mundo encerra,
uma tarde que no fim do dia morre,
um tanque, uma latada, uma torre,
uma fonte e uma bica,

porque de ti todo sou
tudo isto eu te dou

na imagem que me fica
da terra onde nasceste,

junto-te mais dez ciprestes,
uma campa, uma pobre a pedir esmola,
um café, uma escola e uma rampa ...

... sem já falar no São Miguel
que está à tua espera ...

... ainda a doce quimera
do mel da tua boca

e a ideia bem louca
de despir a tua roupa ...

... porque de ti todo sou

tudo isto eu te dou!

Friends

Friends of the Earth, the Sky and the Sea,
friends I miss and wish to see
where are Thee?
Are Thee inside me?

Brethren of the earth, birds of the sky
and fishes of the sea
where are thee?
Are thee inside me?

There is nothing but love,
love from the earth
and Love from Above.

Loves where are thee?

Are thee inside me?

Quando o coração não está

Quando o coração
não é também contratado

o corpo

não se suja, nem se dá,

só é utilizado!

Não me importo de esperar

Não me importo de esperar!

Sento-me, espero
e nunca desespero!

Enquanto espero ... sonho ...

... às vezes sonho
que sou um génio que equaciona e soluciona
os problemas e os dilemas da humanidade,

ou que, não estando tu, me transformo em saudade!

Posso ser, também, um justiceiro,
ou um guerreiro que luta pela paz,

ou, ainda, o faz-tudo que sem nada ter
faz tudo de tudo e de nada para sobreviver!

Nunca sonho ser um asceta
a penar no alto do monte,

... mas sou muitas vezes o voar de uma ave, uma colina suave,
ou um rio a começar a escorrer no fio de uma fonte ...

... tem piada ...

nunca sou um poeta, tão pouco o que realmente sou
e, também, nunca estou onde estou,

como disse,
não me importa de esperar

porque seja eu

génio, fado, saudade, faz-tudo, poeta, justiceiro,
asceta, guerreiro, monte, fonte, colina, ou voar,

és sempre tu quem espero encontrar!

Homenagem

Homenagem aos vivos, aos mortos
e aos que estão com o pé no estribo

para subir, ou para descer,
para nascer, ou para morrer.

Eu,

que sou o cavalo arreado
com os arreios da morte,

a todos vos saúdo
com o meu relinchar ...

porque montem, ou desmontem

vão-me sempre montar!

Reflexos de Luz

Luz que me invades
e tomas conta de mim,

luz sem fim
onde tudo foi plantado

a terra, o homem, a serra, o arado,
o mar, o céu, o que é teu, o que é meu,
o inferno, a dúvida, o lixo,
o bicho, a criatura, o animal,
... tudo que é mortal ...,

... imortal só a luz,

sem luz não há terra, nem homem,
nem serra, nem arado, nem mar,
nem céu, nem teu, nem meu,
nem inferno, nem dúvida, nem lixo,
nem bicho, nem criatura, nem animal,
nem mortal ...

... e sem eles

só resta o nada da Luz imortal
que não reflecte nem o bem, nem o mal ...

e por reflexos não ter

não foi ..., nem chegou a ser!

Uma cabrinha maltesa

Cada dia que passava

uma cabrinha maltesa,
bela como a beleza,
descalça, descia o monte
para se juntar às amigas
no outro lado da ponte!

Roçava-se nas espigas,
bebia água da fonte,
bailava muitas cantigas,

mas queria o sol
que via no horizonte!

Para o sol a si chamar,
partiu e foi de abalada
com uma mala meio fechada
até onde começa o mar.

Fartou-se de trabalhar!

Hoje, bota afiambrada,
muito cansada e mais culta,
já não quer ser tão adulta ...

... quer roçar-se nas espigas,
bailar muitas cantigas,
beber só água da fonte

e ver desaparecer o sol

na noite do horizonte!

Cicatriz

Tem uma

cicatriz cheia de gorgotos
e em diagonal

escolhida no catálogo
da Segurança Social!

Não cantarei a saudade

Enquanto viver não cantarei a saudade,
só canto e cantarei a mocidade!

Saudade, essa, só do filho que partiu!

Sou um navio que, com as amarras cortadas,
enfrenta a tempestade com as velas enfunadas!

Canto o ontem que foi como se hoje fosse,
canto o hoje e já canto o amanhã,

canto cada manhã, cada noite, cada dia
acreditando que virá um novo dia,

canto o encanto e canto o desencanto,
canto porque quero e canto porque canto,

canto o homem pobre mais nobre do que o nobre,
canto o sonho, a utopia ..., canto a tristeza e canto a alegria,

canto a verdade, canto a igualdade,

canto a paz, canto o velho, canto a criança, canto o rapaz,
canto a mulher, canto a rapariga ..., canto a espiga, canto o pão,
canto o mar, canto o rio, canto a ilusão,

canto a fonte, canto a montanha que vejo no horizonte,
canto a árvore, canto a flor, canto a vida ..., canto o amor,

canto os animais, canto as aldeias ..., canto o deserto,
canto o que está fechado e o que está aberto,

canto o teu deus e canto o deus que deus me deu ...,

canto o deus do vento que me transforma no furacão
que me agita o coração ...

... e porque Deus fez de mim a tempestade

em cada canto, canto sempre a liberdade!

Obrigado

Obrigado

por pensar em ti
e sentir a saudade
daquilo que não foi!

Obrigado

por me fazeres sonhar
que foi
o que ainda não foi!

e obrigado

por, mesmo sem te dares,
me teres dado a felicidade
de sentir a saudade!

Minha mãe

Minha mãe:

Depois de todos estes anos vou partir,
é tempo de preparar-me para o que há de vir!

Não vou para longe, fico aqui por perto,
mas só por saber que vou largar-te fico meio deserto!

Amei-te
ainda no quente do teu ventre
quando feliz me passeavas
sabendo que além de ser teu
também me adoravas.

Adorei-te
quando, irrequieto, me mexia na tua barriga
e sentia do outro lado da pele a tua mão amiga.

Amei-te
quando ao abrir os meus olhos
pela primeira vez te fitei
e que, calado, exclamei:
Que linda é a minha mãe!

Adorei-te, também,
quando, sôfrego, mamei do teu peito
o leite, o amor, a paixão
e o pão de que sou feito.

Amei-te
sempre que no teu colo me aconchegavas
nesse jeito que é só teu e que ainda hoje quero,
se quero sentir o céu.

Adorei-te
quando, doente, me tratavas,
quando comigo brincavas
e, até, quando te zangavas.

Amei-te
à tarde, à noite,
de dia e de manhã cedo,

Adorei-te
quando sentia medo
e me abrigavas sob a tua asa.

Mãe,

agora que saio da tua casa

sabe que vais comigo no meu coração
para ter-te sempre à mão!

Vou crescer, namorar ..., talvez casar,
ter filhos e filhos dos filhos!

Sei que tal como eu saí do teu ventre
sentirás também que todos eles saíram do teu

e sei, também, minha mãe, que quando fores velhinha
e ainda a muitos anos de partires para o Céu,

que serei eu, ao aconchegar-te nos meus braços,
a sentir todos os abraços que me deste até agora ...

... e agora que de partida é a minha hora,

sabe tu, minha mãe,

que mesmo partindo

vais comigo também!

Abraçados na noite do tempo

Deixaram-nos abraçados
na noite do tempo,

... envergonhados, aconchegámo-nos
e amámos a nossa noite até de madrugada ...

... de manhã, sempre enlaçados,

iniciámos a nossa caminhada!

O amor é do foro do coração

O amor é do foro do coração,
não da inteligência ...

mas a sua sobrevivência
só se assegura, muita vez,

por um coração tolerante,
uma inteligência brilhante,
ou uma total estupidez,

esta de preferência ...

... e ir aos treinos

com muita frequência!

A mais linda prova de amor

A mais linda prova de amor
que em toda a minha vida recebi

de uma mulher

foi quando lhe ouvi dizer:

faça de mim o que quiser!

Espichel

A falésia, a riba, o meu destino
e a bruma que me esconde o mar,

sargaços, naufrágios, destroços,
a humidade que me rói os ossos,
o iodo que me entra no peito,
o nevoeiro ao jeito da alma,
o vento que amaina e acalma,
o vagido da ronca que se afasta,
o que me dói até dizer basta,
a praia onde a traineira acosta,
o amar-se quem de nós gosta,
a capela onde ninguém reza,
o farol com a luz acesa,

a névoa,
a trégua,

o sol, o calor,
o suor, a colheita,

a paixão, o amor
e a nuvem desfeita!

Espiral da vida

Tenho de fugir da espiral da vida ...,
... já está tão estreita ..., tão sujeita!

Estreita era quando saí do ventre da mãe,
mas logo de seguida alargou ao ver a luz do dia,

alargou a tal ponto que até já nem me parecia
que ela existia!

Quando fui à guerra apertou,
de súbito vi-a nítida, descia rápida
e circulava bem marcada ...,

... a guerra terminada, alargou outra vez
e já não a via com tanta nitidez,

desgostos, maleitas, idade ..., continuou a apertar,

sinto-a agora bem vincada ..., já me apanha os ombros
e me esmaga o peito ...,

fico sem jeito, dou pontapés ..., *larga-me, deixa-me respirar,*
mas quanto mais resisto mais a sinto apertar.

Senhor Deus, ouve a minha prece,
tira-me a espiral e deixa-me correr ...

Impiedoso, sem qualquer reparo,
o asceta arquitecto da espiral

apôs-me um ponto final,

limpou o aparo

e guardou a caneta!

Gostos secretos

Se gostas ..., não me apetece,
se te apetece ..., não gosto ...,

... o melhor é comeres tu,

... é assim o triste gosto

de uma mãe que nada tem

para o filho a quem quer bem!

Esquecer

Nada sendo infindo,
foi lindo e doeu quando acabou.

Certo estou que com a dor
até a fé perdi ...

perdendo, também, a fé em ti!

Com o tempo,
a tua imagem foi desaparecendo,
mas a dor, essa, foi doendo

e hoje ainda uma vez ou outra rói
mesmo sendo tu só
uma névoa ..., ... uma bruma ...,
nada que assuma como ainda meu!

Se dessa bruma escura como breu saíesses
e ficasses ao alcance do meu braço
seria um embaraço,

que fazer de ti?

Só sei que não te abraçaria
e que tropeçaria naquilo
que antes tanto amei!

Estou certo que nada bateria certo,
mas uma ou outra vez ainda faz doer,

não,

não é a ti
que tenho de esquecer,

na realidade ...,

só falta esquecer-me da saudade!

Gosto de olhar para ti a uma certa distância

Gosto de olhar para ti a uma certa distância!

Errado.

Gosto de olhar para ti a qualquer distância,

mas quando olho para ti a uma certa distância
posso apreciar melhor os contornos do teu corpo

e a tua forma embaraçada de sentires-te observada,
ainda por cima, por alguém que te quer muito bem

e que com um simples olhar

te despe a blusa, e que, mesmo à distância te beija os seios,
te afrouxa a saia e acaricia com um ou dois dedos uma nesga de pele;

por alguém a quem mesmo sem tocares beijas sem rodeios
sentindo na boca e no ventre o sabor e a fragrância do mel.

É verdade,
gosto de olhar para ti a uma certa distância,

mas confesso de coração aberto

que gosto muito mais

de sentir-te bem perto!

Não queiras a casa alagada

Não queiras a casa alagada,

chuva no coração
prenúncio de trovoada!

Deixa as lágrimas saírem
tão leves como uma pluma ...

... talvez numa ligeira bruma,
ou em chuva miudinha,

para mim lágrima e mulher
devem ser como a sardinha
(peixe grande, tempestade),

pinta-me com toda a verdade
que albergas no coração,

não me dês só uma demão,
dá-me já duas, ou três

para saberes de uma vez

que o desgosto é já sol posto

e que vais ter uma alvorada

sem chuva, nem trovoada!

Era uma vez uma hera

Era uma vez uma linda e tímida hera
que nasceu encostada a um rijo grão de milho.

Foi Deus que os fadou,
a hera cresceu e o grão germinou ...,

... depois ...,

... depois cresceram, amaram
e, enlaçados, fizeram um filho

e é por isso que hoje pode ver-se uma hera
com o feitio de pé de milho a brilhar no céu ...,

... meu amor, sorrio por ti e por mim,

por também ter sido assim,

o que nos aconteceu!

Conhecemo-nos

Conhecemo-nos ...,
... aconteceu ...,
durou o que durou.

Distantes,
ficou uma forma cúmplice de fidelidade,
o telefonema avulso e a amizade.

Veio o reencontro, o reviver
e a tentativa de renascer.

Falhou o encanto da presença,

foram-se a amizade e a cumplicidade

e só restou a indiferença.

Céu cinzento

Não sei se sou eu que sou o tempo,
ou se é o tempo que lá fora faz a entrar em mim,

só sei que o céu cinzento que me desola

é também o céu vazio que hoje te isola

do amor que viveste
e já partiu.

Rio que existiu
e não existe,

Verão sem dono
que fugiu,

manhã triste que o Outono
antecipou

e Inverno

que é o inferno

onde estou!

Sou material de sol posto

Sou material de sol posto
mas ainda amo a gosto,

se fosse de amanhecer
não saberia o que fazer!

Embrulhada em noite

Correr, correr ...,

... para abraçar a tua ilha
embrulhada em noite,

ser o mar revolto
contido numa vaga

e avançar desvairado
para essa sombra vaga,

esmagar-me nos recifes ...,

... passar a ser espuma
perfume da bruma que vagueia no ar ...

... e cair do céu para voltar a ser mar!

Correr, correr ...,

... para abraçar a tua ilha
embrulhada em noite,

ser o mar revolto
contido numa vaga,

avançar desvairado
para essa sombra vaga!

Balouço

Luzes, sinos,
erros, cadilhos,
noras e filhos,
muitos grão-finos
e dos outros também,

sorte minha
piou a avezinha,
a noite passou
e já vejo quem sou.

Um balouço,
uma moça
e uma bouça
para me esconder,

a moça balouça
e eu estou a ver!

Lá vem o sol
todo suado

e eu descansado
por causa da bouça
que sombra me faz,

a moça balouça,
balouça ..., balouça ...,

... não sou capaz
de ficar na bouça,

vou direito à moça,

monto no balouço ..., balouço, balouço ...

e ficamos em paz!

Triz

Três fulanos malcriados
moderados por um quarto
que finge ser educado

são expoentes da Nação
na Rádio e na Televisão.

Dão sentenças, interrompem-se,
não deixam os outros falar,

é fita atrás de fita
num não mais acabar,
ganha aquele que mais grita ...,

... comentam, barafustam, assustam!

Que espectáculos degradantes
dão esses ex-governantes
especialistas em tudo!

São caretas de Entrudo
que fingem falar a sério
com grandes ares de mistério,

... é a febre das galinhas,
o resultado das eleições,
a génese dos furacões,
a luta das duas Chinas,
as crianças dos asilos,
a vida dos crocodilos,
a estratégia americana,
os petiscos da semana ...,

... leram tudo, sabem tudo ...,
... repito, são do Entrudo,

... tudo preso por um triz

são o espelho do País!

Viagem ao senhor da guerra

O sol começa a adormecer na minha janela
e preparo-me mentalmente para uma noite mal dormida ...

... olho para baixo e na claridade que via adormecida
sinto a quase escuridão desse mar Atlântico aparentemente parado
mas que vertiginosamente acompanha a Terra ...

... sete são as horas que me separam da terra do Senhor da guerra ...

... no cimo dos meus dez mil metros, voo, corro,
quero ganhar o sol, mas ele foge e penso:
não te apanho hoje!

No fim da viagem fico a duas horas da meta,
que bom seria se eu fosse um cometa...
... ganharia a corrida ...

mas é assim a vida e não me importo

porque quando largar a terra do Senhor da guerra
para volver a bom porto

passarão no relógio doze horas,

mas acordarei no sol da manhã
que para Ele será o de amanhã

sabendo que fui capaz

de ir à guerra,

não gostar

e voltar à paz!

Iniciação (feminina)

Iniciação,

morrer sozinha,
renascer acompanhada
para a suave carinhada
do meu longo amanhecer.

Iniciação,

doce alvorada desse percorrer
e porta entreaberta para a redescoberta
que amanhecerá no meu coração.

Iniciação,

minha prece ao vento suão
para atear a felicidade da única e verdadeira liberdade,
a regada, ao nascer, com a fraternidade de sermos iguais.

Iniciação,

renascer, atravessar os portais da minha morte anunciada
para trilhar a vida partilhada que se me avizinha.

Iniciação,

minha amiga, meu pão,
minha espiga com bagos de romãs ...

obrigada,
já não estou sozinha,

tenho mil Irmãs!

Consciência

Há quem defina consciência
como sendo a percepção da existência.

Eu acrescentaria

que foi a consciência

que inventou a porcaria!

Vivo já hoje a saudade

Vivo já hoje a saudade
da saudade que há de vir
por saber que vais partir!

Depois de ver-te partir,
juro-te, amor, que não minto,

terei uma imensa saudade

da saudade que hoje sinto!

Amarraram-nos à maré (Globalização)

Amarraram-nos à maré,

somos barcos fundeados
movemo-nos para o mesmo lado,
puseram-nos o ferro a fundo,

somos barcos ancorados,

limitado o nosso mundo!

A bela montou-se na sela

A bela montou-se na sela,

catapum, catapum, catapum,

montes, colinas,
vales e campinas,

catapum, catapum, catapum

e foi o primeiro e foi o segundo
e foi o terceiro e foi mais um,

catapum, catapum, catapum,

catapum, catapum, catapum!

Paz

Paz, paz, paz,
zás-catrapaz-paz-paz,
paz, paz, paz,
zás-catrapaz-paz-paz!

Sendo o Homem
uma criatura animal

é fatal

que a cada última paz

siga, inevitavelmente,

um zás-catrapaz-paz-paz!

Rosa branca

Rosa branca cheirosa,
que colhi ao meu jeito,
desfolha a tua rosa
abrigada no meu peito.

Branca rosa que acalento
e quero sempre desfolhar,
não há chuva, nem há vento
que te possam manchar!

Voaste no fugir do vento,
bom vento te trará ...

... o vaso onde crescestes

foi contigo e está cá!

Ao meu Chefe do mar

Meu Chefe do mar,
estamos quase a acabar!

Fugindo, fugindo vão os marinheiros,
nem velas, nem ondas, nem tão pouco mosteiros!

Fui dono do Além, fui patrão do mar
e construí catedrais para comemorar!

A lota está fechada ...
... nem limos, nem peixe,
nem frota, nem nada!

Morrendo, morrendo vão os marinheiros na maré que vaza
sem peixe, sem pão, sem luz e sem casa!

Já fui gente, hoje sou ninguém,
agora estou nu, já estive vestido,
já vivi bem, hoje sou perseguido,

vazo com a maré que vai e não volta,

e, que tu, Chefe, vás à minha frente

como chefe da escolta!

Hermenêutica (Erudição)

A hermenêutica da fala do bebê
é, entre todas, a mais inteligente
quando ele não está doente!

Se está mal, então, é fatal
que de longe, ou ao pé,

a hermenêutica
que já não é terapêutica
passa a sabedoria sabida,
intrínseca e estiolada

ainda não desflorada,
mas em vias de sê-lo,

porque, como é sabido,

os bebês têm ...

... muito pouco cabelo!

Dogma

Dogma é um teorema

que não chegou a teorema

porque no caminho perdeu a razão!

Massificado

Programaram-me, massificaram-me, lixaram-me,
estou nauseado, tenho o cérebro massacrado ...,
... castraram-me o poder de poder ser eu a escolher!

Meteram-me na cabeça que para viver bem
tenho de estar num mundo em concorrência,

não tendo ninguém a decência de me esclarecer
que só posso escolher o que dão na rádio e na televisão
uma, dez, dez mil vezes, ou um milhão ...,

... tantas quantas as necessárias
para sentir-me morrer

se não comprar a porcaria que não queria,

ou que nem sequer sabia se existia!

Sou dono da televisão e faço de ti um ladrão

Sou o dono da televisão
e vou fazer de ti um ladrão!

Desde menino pequenino
mostro-te só as histórias

em que ganha sempre o mau
e em que o bom leva com um pau!

Imigração

Só noutras terras senti
o que tinha e que perdi

porque, afinal, estou na minha caminhada
de imigrante ilegal sem ter licença de estada!

Comigo estavam os filhos,
seus pecados, meus cadilhos,
nada disso tenho agora ...,

... só tenho a alma que chora

porque, afinal, vivo a minha caminhada
de imigrante ilegal sem ter licença de estada!

Só noutras terras senti
o que tinha e que perdi,

tenho medo, tenho medo
(não faço disso segredo)
de ainda poder ser preso,

não por andar a roubar,
só por ir trabalhar,
(o que é crime em terra alheia),

... e queira eu, ou não queira,
faço o que não fazia e sujeito-me
ao que não queria!

Meu Deus quero ser feliz,
arranjar um pé de meia

para voltar ao meu País ...

... e já não ter ninguém que me queira!

Formigas laboriosas

Cais do Sodré, Terreiro do Paço,
Sul e Sueste, Estações, Rio,
Santa Apolónia, Barreiro,
Cruz de Pau, Rossio,
Almada, Laranjeiro,
Damaia, Cacém,
Fogueteiro ...,

... formigas laboriosas, pressurosas,
que correm o mesmo carreiro só por causa de dinheiro ...,

... renda da casa, transportes, pão,
hipoteca, prestação ...,

discoteca e diversão ..., essas ...,
essas já não!

Ontem, hoje, amanhã,

formigas que, com afã, regressam ao formigueiro
acarretando as migalhas de dinheiro ...

... sem sorte, sem formiga rainha,
na morte lenta que em cada dia se adivinha

nessa forma triste de viver

em que cada dia

se morre até morrer!

Portugal e Espanha

O *olá* é de cá
e o *olé* é de lá,

o que há é de lá

e o que não há é de cá!

A lenda da Cabrinha Joana

Certo dia bem fadado,
na Herdade do Sol Posto
nas margens do Guadiana,
nasceu uma cabrinha
de seu nome Joana ...

... e nessa manhã de Agosto
viu também a luz do sol
uma menina, Maria,
a quem crismaram de Bia.

A Bia mais a Joana
nunca mais se largaram
na Herdade do Sol Posto
nas margens do Guadiana,

onde a Joana pastava
era onde a Bia brincava.

*Óóhh Biaaaa aaaaa cáááá,
aaaa cáááá óóhh Biaaaaa!*

*(... parece até que é mouca,
onde está a marafada ?),*

a Bia não respondia ...,

... a Bia jogava à apanhada
com a cabrinha Joana,
na Herdade do Sol Posto
nas margens do Guadiana.

No mesmo dia em que a Bia
pela primeira vez brincou
com uma boneca de cana

a sua amiga Joana
pela primeira vez amou
nas margens do Guadiana.
E tudo foi alegria,
onde bebiam os cabritos
mamava também a Bia ...,

... rebolavam-se nas estevas,
subiam para cima das medas
e até estragavam o trigo

e por isso muitas vezes
foram parar ao castigo!

Sete vezes
os verdes foram doirados
e os doirados ..., torrados ...,

mandaram a Bia embora

e nas margens do Guadiana
ficou uma Joana que chora.

Trinta dias esperou
e trinta noites chorou ...,

depois

a cabrinha Joana
foi à procura da Bia
nas águas do Guadiana.

Esta é uma linda história
das margens do Guadiana,

em que uma cabrinha Joana
morreu por amar uma Maria
a quem crismaram de Bia.

E conta a lenda,

que nas luas cheias de Agosto
na Herdade do Sol Posto
bem no cimo da colina

pode ver-se uma cabrinha

a brincar com uma menina!

Marinheiros sem marinha

Marinheiros sem marinha,
vinhateiros sem vinha,

agricultores sem agricultura,
eruditos sem cultura,

desgraça que se adivinha

nesta Pátria que definha!

Mar

Eu era o mar cinza escuro tenebroso
Senhor Todo Poderoso dos maus presságios,
medusas, naufrágios e cantos de sereia ...,

... um dia perdido na bruma persegui a espuma,
avancei na areia e invadi a Terra ...,

eu era Todo Poderoso, mas a Terra não sabia
e tive que seguir o trilho da guerra ...,

bati contra o monte,
contornei a colina,
escorreguei na ravina,
salguei uma fonte ...,

... tropecei no rochedo,
despenhei-me do penedo,
corri e rugi ...

... e ia estreitando e ia rugindo
e ia rugindo e ia estreitando
e sempre engrossando ...,

mas nem assim alguém me ouvia ...

... até que um dia embati na barragem
e fui um lago tranquilo que depois de ser luz
do outro lado fluiu ...

para ser um rio a coar-se na areia,

água da fonte que escorre,
que bebes e que deixas jorrar

para voltar a ser o rio que flui e flui
em direcção ao mar ...

Preferências

Desde o dia em que te vi
sempre dentro de mim preferi

os senos e os cosenos

e, ainda, as bissetrizes
que dividem as matrizes!

Igualo, também,
primitivas a derivadas
sejam elas linhas simples
multiplicadas, ou cruzadas!

Mesmo sem derivantes
adoro todas as secantes
e às tangentes tenho horror,

não sei se já entendeste,

mas falo do meu amor!

Gosto de gostar de ti

Gosto de gostar de ti!

É verdade.

Gosto de gostar de ti se estás
e quando te vais e não estás!

Saudade,
essa ..., está sempre,

se estás ... porque te irás
e porque se já foste ... não estás.

Mas é saudade
misturada com alegria,

saudade porque não estás,
alegria ... porque estarás noutro dia.

Agradeço
este amor tão bonito
ao Deus Infinito e Absoluto

por saber
que, para mim, assim vai ser

até ao dia em que morrer

se te afastares um minuto!

D. Quixote

Era D. Quixote ...,

... quebrei a lança e mesmo sozinho
poupei e comprei um moinho,

fui padeiro, vendi o pão
e fiz algum dinheiro.

Depois

tive a triste ideia de comprar
um andar à minha Dulcineia,

casámos, tivemos filhos
e, com eles, cadilhos!

Agora sou o D. Quixote
que quebrou a lança,
ganhou algum dinheiro,

entrou num esquema
de Reforma-Poupança

e passou a Sancho Pança!

Humanismo

Sou um humanista

que adora o Divino

quando o Divino

respeita o Humanismo!

Auxiliar de Acção Educativa

Auxiliar de Acção Educativa ...,

... por ser muito justa, é com a maior clareza
que faço esta declaração, sùmula das minhas desditas:

Que muitos anos viva

quem,

*mantendo-me sempre tesa,
sacou a minha profissão
do fundo da cartola*

só porque limpo as sanitas

das retretes de uma escola!

Se com o que escrevi ...

Se com o que escrevi
quebrei a monotonia do teu dia;

se não ficaste indiferente
e se por alguns momentos
te sentiste diferente;

se com a minha rima entendeste
que futuro não é passado
e que para cada dia passado
há um outro a seguir ...
... ao qual não vais mentir;

se te dei uma alegria, um gosto
e se partilhei um desgosto;

se te fiz renascer a esperança
e te sentiste outra vez criança;

se te apeteceu voltar à escola
e fazer traquinices;

se partilhaste as minhas doidices;

se entendeste quanto és importante,
e se, por isso, estás menos distante;

se nas minhas rimas discutimos os dois
o mar, a terra, os céus, a existência de Deus,
se o tom rosa é, ou não, uma rosa filha do vermelho
e até se o seguro já morreu de velho;

se te dei um pouco de alegria
ao reconheceres-te na minha poesia;

se em ti fiz acordar a mulher adormecida,
e se deixando a morte renasceste para a vida;

se sentiste o desejo de despertares à sombra de um beijo;

se o teu coração bateu e o teu ventre apertou;
se o teu corpo tremeu ... e depois acalmou;

se entendeste que vives o hoje e não o amanhã
distinguindo a promessa da promessa vã;

se com a minha rima

te fiz nascer uma lágrima ..., um sorriso,
ou uma gargalhada sem tino e sem siso;

se com ela cantei

o amor profundo e a dor do mundo,
o que é mentira e o que é verdadeiro;

se te sentiste desejada e sentiste o meu cheiro;

se entendeste que nada está perdido na vida
e que és vida enquanto fores vida;

se de todos estes *ses* sentiste pelo menos um

e se entendeste que o ido é ido
e o futuro não é passado,

então não duvido

sou um poeta amado!

Buganvlias sem cheiro

Buganvlias sem cheiro
filhas das rosas com espinhos
que não davam carinhos,

buganvlias sem cheiro
vermelhas, amarelas, brancas, roxas,
ruas com espinhos das tuas coxas,

buganvlias sem cheiro
espinhos coloridos nossos prisioneiros,

buganvlias sem cheiro
amores primeiro e derradeiro

de tudo sem cheiro
que sem cheiro não é, nem será

porque é no teu cheiro

que o amor está!

Ternura de filha

Bendita seja

a ternura de filha que vi
no olhar de uma mulher madura

e bendita seja também

a forma como a sua mão
acariciou a mão da mãe,
cabeça inclinada olhando
para ela de baixo para cima ...,

... tanto amor, tanta estima
contidos nos sorrisos mudos
que trocaram,

o da filha

já na saudade futura

do muito que se amaram!

Cemitério

Passei uma vez, no Brasil, num cemitério
tão mal semeado e com tanta pobreza,

que os mortos, desolados,

viviam mergulhados

em profunda tristeza!

Últimos baluartes nacionais

Não quero na minha cozinha
linguado *au meunier*,
nem *vol-au-vent* de galinha,
nem faisão, nem caviar,
nem *chucrute*, ou *piliminia*,
nem borrego com menta,

enquanto eu mandar
só quero a seguinte ementa:

mão de vaca com grão,
frango de ocasião
sem carimbo CEE
feito de fricassé,

um cozido à Portuguesa,
farófias p'ra sobremesa,

uma bruta caldeirada
seguida de chispalhada ...,

... de ontem aconselhável
o carapau de escabeche ...,

... depois

uma açorda de sável
e a eiró que quase mexe,

um leitão da Bairrada,
uma carne bem assada
e um arroz de cabidela
que se serve da panela,

tripas à moda do Porto
e tripas enfarinhadas,
umas sardinhas assadas,
mais vitela de Lafões,
filhós e coscorões,

uma dobrada com feijão

mais outra feita com grão,
umas iscas com elas ...

... frigideiras e panelas
a guardar o sabor
das bifanas já comidas ...

... e certamente bacalhau,
ovos e batatas cozidas ...,

um bife à Cortador,
um queijo com bolor,
algazarra, barulho
e papas de sarrabulho ...

... ovos verdes, pataniscas
e muitas elas sem iscas,

pézinhos de coentrada,
migas e rojões
misturados com salada,

jaquinzinhos fritos
e ensopados de cabritos,

amêijoas à Bulhão Pato,
bacalhau à Zé do Pipo,
bacalhau à Gomes Sá ...,

... tudo mais o que é de cá ...,

e como adorno

arroz de pato no forno,
carne de porco à Portuguesa
e uma posta Mirandesa ...

não quero nada à Francesa,
nem tão pouco à Alemã,

vem o fiscal da CEE

dou-lhe com a sertã e com o pé!

Dei-te os meus olhos para veres

Dei-te os meus olhos para veres
e continuei a ver,

dei-te a minha mão para guiar-te
e continuei a guiar,

segurei-te quando tropeçaste
e continuei a segurar,

levantei-te quando caíste
e continuei a levantar-te,

amei-te quando pediste
e continuei a amar.

A queixa?

Estive enquanto estiveste ...

... e continuo a estar!

É a chuva

É a chuva que move a azenha
e que molha a lenha que o machado corta,

mas que importa o que digo

se já não há trigo?

Era tempo de voares
(História de uma morte horrorosa e prolongada)

Era tempo de voares.

Não chores o amigo teu
que na dor ganhou asas
e depois voou para o céu,

era tempo de voares,
era tempo de carinho,

tempo de deixar Deus sozinho
a jogar com a tortura
e a brincar com a amargura,

era tempo de voares

era tempo de pairares
e do Alto cuidar dos teus ...

... era tempo de seres Deus!

A Economia é um balão

A Economia é um balão que nada dá de gratuito
e que não se deve soprar muito!

Aperta-se do lado de cá,
estica no lado de lá,

aperta-se no lado de lá,
estica no lado de cá!

Por assim ser,
não apertes o balão,

faz-lhe festinhas com a mão
como se fosse o amor primeiro

e, sobretudo,

sopra-o muito ligeiro!

Poeta do Portugal de hoje

Estudante ingénuo nascido à beira do mar,
gostando de rimar, rimava a beleza
com a minha singeleza.

Com o cheiro da minha Primavera cantei, nessa era,
sonhos, brisas, marés, chilreares, lindas flores
e mil milhares de amores.

O tempo passou ..., a musa escaldou
e fui, então, poeta do Verão ...,

... embrulhado em bandeiras
ignorava canseiras ...,

... cantei o sexo, o certo, o errado
e saltei de cada felicidade para um amor falhado!

Mais tempo passou
e com o montar da idade
o amor passou e sonhei a saudade ...,

... nesse Outono sem dono das folhas caídas
cantei ao Mundo suas chagas e feridas!

Destino malfadado, fui mais tarde assaltado
pelas musas doridas da miséria e da guerra

e agora, na Pátria, o Inverno,

canto a minha terra

e sou o poeta do Inferno!

Segredo

Segredo, segredo
não tenhas medo
de seres só segredo,

quer queiras, ou não,

és sempre tentação!

Borboleta

Adora ver-se rodeada pelos seus homens,

os de ontem, os de hoje, os de amanhã,
os do amanhã que não virá ... e os de sempre!

Corpo e coração ausentes, esboça sorrisos,
toca, roça e espicaça instintos de posse,
ou de saudade que não passa ...,

esvoaça ...,

esvoaça como frágil e tonta borboleta encandeada pela luz
que dos seus homens irradia ...,
vai longe o dia em que ainda mal saída do casulo
se contentava com as luzes do sol e da lua,

mudou quando se pôs nua, amou pela primeira vez
e gostou mais do que viu e menos do que fez ...

Colheu pólen de jacintos e nardos,
de cravos e cardos ...,

... percorreu o jardim ...,

voava só para ela
não para ti, ou para mim,

esvoaça ...,

esvoaça no tempo do dia que passa
entontecida na luz que roubou
e que ela mesmo irradia ...

... a única que a aquece,

... estéril é o pólen

de quem não a esquece!

Maldade

És tão mau

que o teu maior castigo

é teres de viver contigo!

Mais tempo estou contigo

Desde o dia em que te vi
mais tempo eu estou contigo,

mais o tempo fica amigo

e eu com saudades de ti!

Socorro, socorro

Socorro, socorro

para a filha de um amigo que cada dia morre um pouco
com quem eu, ao ver o desgosto do pai ..., cada dia morro,

socorro, socorro

deus,
ajuda-me a destruir o deus criador dessa maldita doença
que no espelhar de um corpo a degradar me mata a crença,

socorro, socorro

para ti, meu filho, que ao morreres, contigo me enterraste,

socorro, socorro
para mim ...,

meu filho,
socorre-me,
faz-me renascer

fazendo com que chegue
depressa a minha vez ...

... para te ver!

Tarde de amor

Que tarde de amor bendita
a que teve a doce dita

de começar com a alvorada

e acabar de madrugada!

Tômbola da verdade

Gira, gira,
bola, gira,

na tômbola da realidade
saiu-me a tua verdade embrulhada em mentira!

Tirei-lhe logo o cordel e quis arrancar-lhe o papel ...,
... meti o rebuçado na boca pondo-me a saborear ...

... língua a passar lentamente ..., bom envolvimento de cuspo ...

... depois não foi bem um susto, mas não foi coisa pouca,

para meu muito penar, o papel da mentira,
que não tinha elasticidade ..., colara-se todo à verdade!

Chupei, esgravatei, meti os dedos na boca,
tive pouco cuidado e fiquei todo lambuzado,

foi quando pensei no ditado: *quem mais jura, mais mente ...*

... jurei ... a verdade foi-se, sumiu-se, desapareceu ...,
... foi um ar que lhe deu ...

... e, da verdade que gira,

só me resta na boca

o doce papel da mentira!

Jardim com o oceano ao lado

Preciso de descansar, mas sei que não vou parar
enquanto houver alguém que me queira,
ou que precise de mim!

Já fui um lindo jardim com o oceano a meu lado,
hoje sou um canteiro muito pobre e mal tratado!

De tudo já fatigado apetece-me descansar,
mas resisto mesmo sabendo que não há porvir,
nem lugar para onde ir!

Os meus jardineiros não me adubaram, nem podaram,
estou cheio de parasitas e de ramos ladrões

que fazem de mim um mero figurante num canteiro distante
de pinheiros alemães que não conheceram os pais
e só conheceram as mães ...

... mas tenham Todos cuidado,

porque, mesmo tão cansado,
tenho o mar por capital,

e basta que um me queira,

que não ligo à canseira

e continuo Portugal!

Pombos e ratos

Na cidade, onde se metem os pombos quando começa a chover?

Nos abrigos onde vivem os ratos.

E quando começa a chover, onde se escondem os ratos?

Aqueles que conheço fingem que são pombas,
rapam os bigodes, saracoteiam-se e arrulham ...

... para voltarem a ser os ratos
que sempre foram na vida passada ...

... quando passa a enxurrada!

Contradições aparentes

É verdade, não te nego,
que do tempo fiquei cego
quando o malvado parou
por sentir-te afastar,

mas

agora que contigo estou
e que a acelerar já o vejo

sinto o imenso desejo

de vê-lo mas é parar!

Quando o tempo sentiu frio

Quando o tempo sentiu frio
não foi nas águas do rio
onde se foi abrigar ...

... como não queria mais penar

pediu-me a tua morada

e subiu a tua escada!

Folha de papel em branco

Desgraçada
folha de papel em branco ...

sejas tu verde, azulada,
branca, cinza, ou encarnada!

Sou o teu pai,
olho para ti e nada me sai!

Tento pensar, sinto ausência,
tento sentir, só sinto impaciência!

O pintor com uma pincelada
cria a cor ... e a cor, só por ser cor,
é arte que fica e que não parte!

Eu, com o aparo, faço um risco ...
...nada ...,

um risco mais ..., mais outro ...,
um outro risco ...,
... nada ...,

risco, rabisco,
não desisto ...,
... nada ...,

amarroto-te

e deito fora a obra de arte que serias

se eu correspondesse ao que tu merecias!

Nascida no Beringel

Nascida no Beringel
no Alentejo profundo,

o teu pai Maquiavel
e Lucrecia, tua mãe,

não atropelas ninguém,
nem de ti vem mal ao mundo,

pois
sempre que te pões de pé

dormes um sono profundo!

Golfinho

Cheios de chama divina
beijámos, apertámos, colámos ...

e depois
com o teu corpo bem agarradinho

ondulámos na cama

como um único golfinho!

Não sei mais o que fazer

Não sei mais o que fazer
vejo-te sempre a rezar
cheia de mágoa no olhar
como se fosses morrer.

Quero que estejas e sejas
e que me beijes e vejas,

se alguém tiver de ir

que seja Deus a partir!

Afinal já sei quem sou

Afinal já sei quem sou,

de tanto me encobrir
já deixara de sentir,

tive-te e já me dou,

afinal já sei quem sou!

Matizes de sol fundidos em prata

Matizes de sol fundidos em prata
no final do dia ... do dia que havia,

solidão sozinha no cume da terra ... da terra que se afasta,
o troar da guerra que voga no mar ... do mar que já basta,

nuvens que branqueiam a noite e a tornam mais escura,
vida e morte ... figueira madura do tempo de ninguém
que aponta o Além de quem Além já não tem.

Só cotos ..., deslizares sem braços, nem mãos ...,
... castanhas dos sotos ... dos sotos dos não,

terra tão perto e tão gasta que lá ao longe se afasta,

vida, morte, castração,

terreiros de nada ... do nada Nação!

Tudo o que Deus não quis

Tudo o que Deus não quis,
porque o fazia infeliz,
deixou ficar na Terra,
por exemplo:

Adão,

Eva

e a guerra!

Rio d'Ouro

Não és truta, nem salmão,
não te pescam com rede,

só és apanhada à mão!

Boa para matar a sede
de um amante sequioso
vales mais que um diamante
pelo teu ar tão vistoso.

Não tens cobre, nem tens prata,
não és de pedra, ou de lata ...

... és carne, broa de milho,
alfazema, rosmaninho,
pêra cozida com calda,
ave a cantar no ninho
todos paridos num filho.

Olhos verdes de esmeralda
que contempla o infinito

tens o cabelo tão bonito
que até parece um rio d'ouro
a desaguar num desejo ...

... minha amiga, meu tesouro,

é assim que eu te vejo!

Maldito mar dourado

Maldito mar dourado onde estou mergulhado
num pôr-do-sol de Verão que já sabe ser de Outono
quase a passar a Inverno ...

... terrível mar calmo e terno,
sem destino e sem dono

à procura de um patrão

para poder protestar,

ser revoltoso e ser mar!

No Dia da Distribuição

No Dia da Distribuição
Deus plantou-te para servir
e semeou-me para patrão,

mas no tempo que há de vir
serei o que sete anos serviu
para se consumir o milagre

que ainda ninguém viu
e que Deus já deu por certo,

o de um lindo enxerto
feito à Sua maneira

em que uma rosa e um cravo

renascem na mesma roseira!

Última tentativa

Julgo que a última tentativa
também não vai dar,

por isso, pelo sim e pelo não,
só vou gastar a antepenúltima,
que antecede a penúltima,
que precede a última,

que nunca será última

porque, contigo,

gastarei sempre e só

a antepenúltima!

Eu sou o mar

Eu sou o mar, molho toda a gente
e todos os dias o meu sangue é diferente!

Flutuo na brisa, ou ao sabor da corrente,
menos vezes no sismo parido do abismo,
mais na erupção filha do vulcão.

Encapelo-me, enrolo-me, rebolo-me,
espraio-me no areal e sinto-me carnaval,

não escolho as areias, abrigo as sereias
e revejo-me nas estrelas do mar ...

... e tu, menina,

que desces à praia
e que levantas a saia para ir nadar

tem muita cautela

porque eu sou o mar!

Futurologia

Arraial, arraial

por D. Leonor nascida dos amores
sem malícia de Filipe e Letizia!

Arraial, arraial

por D. Leonor,
Rainha de Portugal!

Vendo-a sair do Paço
levando escondidos os pecados
dos bancos e dos supermercados

o Rei perguntou-lhe em voz branda:

- Senhora, que levais no regaço?

- Senhor,
são rosas importadas da Holanda!

Realidade e sonho

É tão grande a felicidade
que sabendo-a realidade
ainda me parece ser sonho!

Se fosse só um sonho
nada tendo de verdade
far-me-ia muito mal ...

mas digo-te que, afinal,
seja Deus sempre louvado

pois em sonho já sonhado
nada o Senhor me retira

e fazendo eu parte do sonho

do sonho ninguém me tira!

Poderia ficar sem ninguém

Queria estar só, isolar-me,

mas pobre de mim
não consigo,

porque continuo a falar

todos os dias comigo!

Somos bruma

Somos bruma parida da espuma,
duas gotas que juntas são uma,

comédia de vida sonhada
na tragédia da vida vivida,

saciedade de vida passada
na saudade da vida esquecida,

somos o que resta do que desaparece
na festa do que é e que esquece,

somos bruma
parida da espuma,

duas gotas
que juntas são uma!

Amar profundamente

Amar profundamente na risada enervada
que antecede o descanso da carne fatigada ...

aproveitar, depois, essa risada sem juízo
para transformá-la num sorriso ...

pegar com muito jeitinho no sorriso
e moldá-lo numa forma de carinho ...

... para que o carinho não se sinta sozinho
fecundá-lo continuamente até à chegada
da risada enervada da carne fatigada

e continuar, assim,

sucessivamente,

a amar perdidamente ...

Hoje decidi que vou rir

Hoje decidi que vou rir!

Parti uma perna ..., rio!

Perdi a taluda só por um algarismo ..., rio!

Veio-me uma dor de dentes infernal ..., rio!

Roubaram-me o carro ..., rio!

Portugal perdeu por dois a um ..., rio!

Quis um taxi e não veio nenhum ..., rio!

Fui despedido ..., rio!

É por isso que hoje rio feliz,

ao olhar, desvanecido,

para o meu pobre País!

Senhora Nossa

Sempre que te sinto chegar

apetece-me flutuar
mar acima, maré cheia
enleado em teu cabelo

ilha minha, meu desvelo,

rio de suave fluir,

onda onde quero partir!

Antevi a entrega

Antevi a entrega

nos braços a elevar-se, sem pressa,
para a blusa sair pela cabeça

e, depois,
no soutien que caiu no chão

por já não poder conter o coração!

Sapato de Natal

De manhã muito cedinho
levantei-me devagarinho

para ir ver o sapato
que pusera na chaminé!

Obrigado, meu Senhor,

estava lá um grande amor

muito maior que o meu pé!

Não há jogos de sorte

Não há jogos de sorte, só há jogos de azar,
o pior de todos o *poker* ... e eu era o último a dar.

Primeira rodada ..., a mesa e as caves do dia,
cada um com o que mais lhe doía,

o João entrou com um despedimento colectivo,
a Joana com a ferida no joelho que tapara com gaze e adesivo,
o Miguel com bÍlis e fel ... e eu com uma arritmia.

Outra rodada,

o João aumentou a parada
e pôs em cima da mesa uma pneumonia,
a Joana, como sempre, desistiu,
o Miguel não assistiu
por só ter na mão uma constipação
e eu aumentei a parada com o meu dia a dia.

Mais uma rodada,
só já estávamos eu e o João,

o João assistiu com um amor destróçado,
eu acompanhei-o com um momento mal passado,

mas quem acabou por ganhar,
no fim, fui eu,

quando pus na mesa

a memória do meu filho
que morreu!

Este ano decidi aconchegar-me no Natal

Este ano decidi aconchegar-me no Natal ...

Depois da despedida de um filho que morreu,
o Natal não era meu, pertencia ao Menino Jesus
que morreu na Cruz!

Eu fingia que o Natal não existia,
abstrahia-me das iluminações
e do cheiro, tão bom, das lareiras,

fechava-me em mil canseiras
e no frio de dentro de mim sentia ...

... exteriormente sorria ...

*boas festas para aqui, boas festas para ali,
que o Novo Ano vos encha de felicidade ...*

e tudo isto eu dizia carregado de saudade!

Este ano
mudei ... graças a ti,

senti a mesma dor, mas não fugi,

o cheiro foi meu bom companheiro
e já vi as iluminações cheias de brilho

porque me aconcheguei na Noite de Natal,
em ti ... e na memória do meu filho!

Quando eu morrer

Quando eu morrer

vou fazer-me muita falta!

Magia, ou arte

Não sei se é magia, ou arte,

quando ao abraçar-te me despedi
sentia já saudades de abraçar-te

por não viver abraçado a ti!

Poesias

**ainda não publicadas, ou por divulgar
de excelentes Poetas**

que fazem o favor de serem Amigos do Autor

Anda daí, vem dormir

Vivo ao teu feitiço presa
Encantou-me o teu olhar
Sou candidata a *Morfesa*
Passo as noites a sonhar
E já fui comprar a mesa.

Vesti-a toda de linho
E perfumei-a de nardo
Acabado de florir
Está a cama preparada
Anda daí, vem dormir ...

Joana Camões,
Professora de Português e Francês,
poeta e declamadora

Desencontro

Para ir ao teu encontro
Vesti-me de Primavera
E enfeitei-me de luar.

Aos teus ouvidos
Sussurrei palavras de amor.

Olhaste-me e adormeceste!

As flores murcharam,
As folhas caíram,
As nuvens escureceram a lua
E eu fiquei gelada
E nua.

Joana Camões,
Professora de Francês e Português,
poeta e declamadora

Revelação pagã

No eléctrico
Da Boavista para a Foz
Percurso trivial
Do dia-a-dia
Olhando o disco de ouro
Sobre o mar

Tive a estranha
Revelação pagã
Que o Sol
Que no ocaso
Se fundia
Era o mesmo deus
De uma antiga
Civilização
Que com o meu Deus
Se confundia

E que a pequena prece
Que os meus lábios
Murmuraram
Era a mesma oração
Que esse outro povo
Lhe dirigia

Como é bom
Ver-te nascer
Em cada manhã
E no teu ocaso
De agonia
Encontrar
A plenitude
De se ter
Cumprido
Mais outro dia

Sol Deus sol
Dá-me ainda
Outro amanhã
Um novo dia

Fátima Bastos,
Professora-Investigadora
Doutoramento em Românicas,
poeta e declamadora

A velha traineira

Inerte jaz na areia suja da praia o esqueleto
Do barco onde as gaivotas poisam solitárias
Que por longos anos para a dura faina levou
Os pescadores em busca de míseros salários

A voz dos temporais sibila entre as traves desnudas
Os fantasmas dos que morreram fazem ouvir seus ais
Num lamento pelos familiares que deixaram
E na sua dor de não os voltar a ver nunca mais

Mas a quilha aponta ainda ativa para o oceano
A memória das grandes labutas torna-a altaneira
Ou a saudade das grandes viagens ao mar largo
É o que resta da antiga glória da velha traineira

Um velho pescador saudoso e amargurado
Anda vagueando pela praia como louco
(Indiferente à saudade e à dor dos homens
A podridão corrói-lhe o casco pouco a pouco)

Fátima Bastos,
Professora-Investigadora,
Doutoramento em Românicas,
poeta e declamadora

Clareira

Estou cansado, mas cheguei.
Cheguei outra vez a esta clareira
Onde já estive tantas vezes.
É aqui que estou bem.
É aqui que sou eu.
Creio que é aqui
Que os deuses se reúnem.
É aqui que falam sobre assuntos
Que só os deuses entendem.
Hoje, não estão cá.
Mas é aqui que eles se reúnem.
É aqui que eles falam.
Não os ouço, não os vejo,
Mas é aqui que eles se reúnem.
Aqui, nesta clareira,
Para onde eu venho
Quando estou muito cansado
De os procurar.

Alberto Trovão do Rosário,
Professor

Mar grande

Que me levem as águas deste rio
Que me levem ao mar grande
Para onde vão as águas de todos os rios.
Vão para o mar grande
Porque os deuses querem e mandam.
Eu poderei nadar nas águas deste rio,
Mas elas levar-me-ão sempre ao mar grande
Porque os deuses me mandam para o mar grande.
Eles, que sabem que eu sei.

Alberto Trovão do Rosário,
Professor

A Pedro e Inês

Só pode falar de amor
Mais forte que o português
Aqueles que não sabem a história
de D. Pedro e Inês.

Nem Romeu e Julieta,
Com o seu amor imortal
Conseguiram igualar-se
Ao do Rei de Portugal.

Vencendo toda a traição
E maldade tão mesquinha,
Não deixou que nem a Morte
Não a fizesse Rainha.

Depois de se ouvir a história
De D. Pedro e Inês,
Vejam se há amor mais forte
Do que o amor português.

Maria Isabel Machado,
pintora e poeta.

Voo

Goza a euforia do voo perdido em ti.

Que sabes tu do fim?

Se temes que o seu mistério
seja a noite, enche-o de estrelas
e conserva a ilusão de que o teu voo
te leva sempre para mais alto.

Se pressentires que amanhã estarás mudo,
esgota como um pássaro as canções
que tens na garganta.

Canta, canta,
talvez as canções adormeçam as feras
que esperam devorar o pássaro.

Desde que nasceste não és mais
do que um voo no tempo.

Rumo ao céu?

Que importa a rota?

Voa e canta enquanto resistirem as asas.

Graça Fernandes,
poeta
(poesia do seu livro
Caminhos da Graça)

Era uma vez

Era uma vez ... a poesia.

Uma, muitas, muitas vezes

a poesia.

Branca, redonda, feminina,

colorida de muitas cores,

dos tons da água,

dos tons do ar, dos tons da terra.

Era uma vez a poesia,

como gotas de orvalho

cristalino, dos tons do fogo.

Eunice Santos,
Psicoterapeuta, atriz, contadora
de histórias, poetisa e declamadora

A minha Alma ao Vento

Vi, um dia, a minha alma

Galopando ao vento

Pelo caminho do deserto

Onde as areias cantam o alento

Pelo mais puro amor desperto.

Eunice Santos,
Psicoterapeuta, actriz, contadora
de histórias, poetisa e declamadora

Mar e mato

Linha de fogo além, muito além ... entre o mar e o céu ...

Fogo em linha, mesmo aqui, cada vez mais aqui no capim ...

Pelo mar nos libertamos.
Pelo capim nos aprisionamos.

Qual inocente ao léu
a débil cana de capim reside em mim!

No mar se morre
porque se percorre
rumo ao que há por achar.

No capim há morte
porque há gente a disparar
e é tudo uma questão de sorte!

Sofre quem sonha com o mar e mata no mato.

Por causa do mar estamos no mato.

Mar e mato.
Mar e morte.

Aqui no Norte
- muito longe do mar -
no meio do mato que é um mar,
quero matar a morte
q'inda é cedo para achar!

Francisco de Pina Queiroz,
estudioso e divulgador da vida e obra
de Fernando Pessoa, poeta

Quilómetros e quilómetros

Quilómetros e quilómetros me separam ...
Me separam de quê?

Esta é a maneira de dizer que em África se está separado ...
Eu diria que em África é que se está ligado.

Quilómetros e quilómetros me ligam ...
Me ligam a quê?

Esta é a maneira de dizer que em África se é viajado ...
Eu direi que em África é que se está parado.

Quilómetros e quilómetros me param ...
Me param para quê?

Esta é a maneira de dizer que em África há tempo para viver ...
Eu digo que em África é que há tempo para ser.

Quilómetros e quilómetros de ser ...

Quando não estou em África
Quilómetros e quilómetros me separam do meu Ser.

Francisco de Pina Queiroz,
estudioso e divulgador da vida e obra
de Fernando Pessoa, poeta

Oração de Natal

Jesus
porque não te deixaste ficar
sempre pequenino e lindo
para o Mundo te adorar
sorrindo
e sem conhecer a Cruz?

Porque não te deixaste ficar
sempre pequenino e lindo
para te podermos adorar
sorrindo?

Ah! Meu Jesus
pequenino
era bem melhor viver sorrindo
e adorando-te menino ...,
do que rezar chorando
ao pé da tua Cruz!

Angelo Araújo,
médico, ilustre poeta e coimbrão de quatro costados,
admirável conversador, Autor do magnífico livro de
poesia *Amor, Amor e Mais Nada* e, entre muitas outras,
das letras e músicas dos fados de Coimbra *Santa
Clara, A Balada, Feiticeira, Contos Velhinhos, Maria
se fores ao Baile*

FIM



Nascido em Lisboa, a falecer em lugar a determinar.

Bolseiro Fullbright.

Mestrado em Marketing
(S.I.U. - Universidade de Illinois do Sul).

Obras Publicadas:

Pedra Angular (prefácio de António Arnaut), poesia.

Pedro que és Pedra (prefácio de Fernanda Botelho e posfácio de Couto Viana), poesia.

Sátira Lusitana (prefácio de Hermínia Tojal), poesia e prosa.

Rocha Castanha das Algas e Lapas (prefácio de Couto Viana), poesia.

Fios invisíveis em Canteiros de Pedra (prefácio de José Fanha), poesia.

